REVISTA INTERDISCIPLINAR R I E T EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE

Ler e Escrever na Escola Macuxi a Partir das Literaturas Indígenas: As Pegadas do Kurupyra e O Livro das Árvores

Reading and Writing at the Macuxi school Based on Indigenuos Literatures: The Footprints of Kurupyra and The Book of Trees

Leer y Escribir en la Escuela Macuxi a partir de las Literaturas Indígenas Las Huellas del Kurupyra y El Libro de los Árboles

Consuelem da Silva Sarmento (PGEDA/UFRR)
Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia/Universidade Federal de Roraima
Boa Vista, Roraima, Brasil
E-mail: consuelem@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6616-7282

Jeane Almeida da Silva (PGEDA/UFRR)
Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia/Universidade Federal de Roraima
Boa Vista, Roraima, Brasil
E-mail: jeane.ganesha0804@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-2813-6011

Ananda Machado (UFRR)
Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena/Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Boa Vista, Roraima, Brasil
E-mail: ananda.machado@ufrr.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3363-2587

Resumo: A leitura, assim como a escrita, não é algo que adquirimos de forma espontânea e natural. É necessário haver um processo de ensino e aprendizagem para a sua aquisição. Este trabalho objetiva refletir e apresentar propostas para o ensino da leitura e da escrita nas escolas indígenas Macuxi e em outros espaços, a partir das obras **As Pegadas do Kurupyra - Yaguarê Yamã** e **O Livro das Árvores** do povo Ticuna. As propostas aqui descritas, embora tenham sido realizadas nas turmas do ensino fundamental I, podem ser adaptadas paras as séries subsequentes. Consideramos os conhecimentos da leitura e da escrita importantes nas escolas indígenas. Conforme o **Referencial Curricular para as Escolas Indígenas**, o objetivo não se limita à mera alfabetização, pois a escola tem o dever de capacitar os alunos a produzir textos que reflitam suas intenções e contextos. E para olhar a realidade vivenciada pelos alunos nas

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

comunidades indígenas, é interessante trabalhar com as literaturas indígenas em sala de aula. O que podemos concluir é que a literatura indígena, integrada ao currículo escolar, promove não apenas o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mas também o fortalecimento da identidade cultural e o respeito às tradições dos povos originários.
Palavras-chave: Leitura. Escrita. Escola Macuxi. Literatura nativa.

Abstract: Reading, like writing, is not something we acquire spontaneously and naturally. There needs to be a teaching and learning process for its acquisition, since reading and writing are not objects of a spontaneous acquisition process. This work aims to reflect on and present proposals for the teaching of reading and writing in Macuxi indigenous schools and other spaces, based on the works "As Pegadas do Kurupyra - Yaguarê Yamã" and "The Book of Trees" by the Ticuna people. Although the proposals were implemented in elementary school classes, they can be adapted for subsequent grades. Since reading and writing are essential pillars in the education of any individual, their relevance is amplified in the context of indigenous schools. According to the Curriculum Framework for Indigenous Schools, the objective is not limited to mere literacy; the school has the duty to enable students to produce texts that reflect their intentions and contexts. We can hardly avoid looking at the reality experienced by students in indigenous communities, hence the importance of working with indigenous literature in the classroom. What we can conclude is that integrating indigenous literature into the school curriculum promotes not only the development of reading and writing skills but also the strengthening of cultural identity and respect for the traditions of indigenous peoples.
Keywords: Reading and writing. Macuxi school. Indigenous literature.

Resumen: La lectura, al igual que la escritura, no es algo que adquirimos de manera espontánea y natural. Es necesario que exista un proceso de enseñanza y aprendizaje para su adquisición, ya que tanto la lectura como la escritura no son objetos de un procedimiento de adquisición espontáneo. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar y presentar propuestas para la enseñanza de la lectura y la escritura en las escuelas indígenas Macuxi y en otros espacios, a partir de las obras "Las huellas del Kurupyra - Yaguarê Yamã" y "El libro de los árboles" del pueblo Ticuna. Las propuestas, aunque se hayan realizado en las aulas de educación primaria I, pueden adaptarse a los cursos posteriores. Dado que la lectura y la escritura son pilares esenciales en la formación de cualquier individuo, y en el contexto de las escuelas indígenas su relevancia se amplifica. Conforme al **Referencial Curricular para las Escuelas Indígenas**, el objetivo no se limita a la mera alfabetización; la escuela tiene el deber de capacitar a los alumnos para producir textos que reflejen sus intenciones y contextos. Tampoco se puede evitar mirar la realidad vivida por los estudiantes en las comunidades indígenas, de ahí la importancia de trabajar con la literatura indígena en el aula. Lo que podemos concluir es que la literatura indígena integrada en el currículo escolar promueve no solo el desarrollo de habilidades de lectura y escritura, sino también el fortalecimiento de la identidad cultural y el respeto a las tradiciones de los pueblos originarios.
Palabras Clave: Leer y escribir. Escuela Macuxi. Literatura indígena.

Data de recebimento: 30/10/2025
Data de aprovação: 27/04/2026
DOI: 10.30612/riet.v5i1.20820

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Introdução

A leitura, assim como a escrita, não é algo que adquirimos de forma espontânea e natural. Conforme afirma Bresson (1996, p. 26), ler bem e, por conseguinte, escrever bem, devem ser as competências mais importantes a serem desenvolvidas pela escola, para formação de um cidadão mais autônomo e consciente de sua ação no/sobre mundo. Nessa direção, uma competência leitora proporciona a ampliação dos horizontes, bem como a descoberta de novos olhares sobre uma mesma situação.

Contudo, nossa realidade educacional apresenta muitos percalços, que nem as diferentes esferas do planejamento governamental nem das ações cotidianas do ambiente escolar e comunitário, ainda não conseguiram solucionar de forma satisfatória. Dentre elas, a leitura, que tem se mostrado tão desafiadora, sendo a principal queixa de professores e alunos. Dizem que as leituras são difíceis, ou que os alunos não demonstram interesse para com a leitura e a fazem como se ainda estivessem sendo alfabetizados, como ocorre em muitos casos, mesmo com os alunos que já estão cursando as séries mais avançadas.

Somando estes desafios da leitura e da escrita ao cotidiano das escolas indígenas, como poderíamos colocar as questões peculiares à escolarização nas comunidades indígenas? As legislações vigentes em nosso país garantem os direitos à leitura e a escrita às crianças e dos adolescentes. Como observa o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Art. 3º "A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...]", e ainda "o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade". E é claro o direito à educação, de estar matriculada e poder frequentar a escola.

Em nossas comunidades indígenas a escola começa a buscar pelo diferencial para alfabetizar nossas crianças muito antes da Lei 11.645/2008 (Brasil, 2008) – que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas no currículo nacional, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. Com o **Referencial Curricular para as Escolas Indígenas** (RCNEI) (Brasil, 1998), que teve como objetivo atender as necessidades das comunidades indígenas, buscando respeitar a diversidade cultural e linguística das diferentes etnias brasileiras, as escolas indígenas flexionam seus currículos para atender às questões da própria cultura e, principalmente, da língua indígena. Muitos professores elaboram seus materiais didáticos para atender, de forma mais inclusiva, as questões da cultura e da língua indígena de seus grupos étnicos.

E uma das formas de se fazer presente no cotidiano das crianças indígenas é através das narrativas que são contadas de geração a geração. E, neste ponto, a literatura escrita por indígenas faz muito mais sentido aos ouvidos dos pequenos do que outras histórias que são desconexas de suas realidades. Como Freire (2006, p.11) insistia em pontuar: uma vez que somos

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

formados a partir da leitura de mundo e da leitura das letras, ao interagirmos com ela, somos transformados. É preciso também conhecer o chão de nossas realidades, nossas comunidades são inundadas de narrativas que dão vazão ao nosso pertencimento, cultura e valores. Sabedorias que aos poucos estão ganhando o formato de livros. E nossas escritas são atravessadas de histórias e poesias, como nos diz Kambeba no poema: O olhar da palavra escrita de resistência,

> O olhar da palavra
> Palavra é memória,
> Senhora da história,
> Desenha sentimentos,
> Resistência, luta, vitória.
> Palavra que dança no tempo,
> Vagalume que ilumina o amor,
> Palavra que marca um passado,
> Escreve o presente,
> Do povo o clamor. […] (Kambeba apud Danner & Dorrico, 2020, p. 89)

A literatura indígena inicia-se desde a primeira narrativa repassada entre os parentes, através da oralidade, da palavra falada ou cantada. A oralidade sempre exerceu um papel fundamental nas narrativas indígenas, primeiro porque como as etnias não usavam a escrita alfabética, a forma de transmissão dos conhecimentos era a palavra, o som, os gestos, as pinturas corporais, os trançados, as cerâmicas, as gravuras e pinturas rupestre.

Nesse interim sempre se destacou a memória, como Daniel Munduruku nos afirma, no prefácio ao livro **Eu sou macuxi e outras história**, de Julie Dorrico (2019): a memória é uma chave da descoberta do ser, que nos conecta com a ancestralidade e nos torna pertencentes ao nosso grupo étnico. E as memórias também podem ser acessadas pela dimensão dos sonhos, pois neles sonhamos com as nossas vivências.

Neste sentido, a formação de narradores e de educadores se dava na vida, na troca de conhecimentos, no ouvir, no observar e no fazer junto. Com a entrada da escola na vida dos povos indígenas e com a conquista das lideranças em conseguir que as escolas se tornassem diferenciadas e específicas, passou a ser necessário formar professores indígenas.

A formação de professores em Terras Macuxi

A partir da década de 1970, iniciou-se uma maior organização do movimento indígena no Brasil, que contou com a ajuda de outros segmentos, entre eles a Igreja Católica com suas missões entre os povos indígenas do Rio Branco. Em Roraima, destaca-se, de forma controversa, a missão Surumu que, em 1972, formou a primeira turma de professores indígenas, para lecionar de 1ª a 4ª série, e, em 1975, formou a primeira turma, para lecionar até a 8ª série do ensino fun-

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

damental. Desde então, esses novos professores indígenas gradualmente passaram a atuar nas escolas indígenas de Roraima (Carvalho, Fernandes & Repetto, 2008).

Vale ressaltar que, em 1978, ocorreu na Aldeia Rikbatsa, em Mato Grosso, um seminário realizado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que se voltou para o levantamento de questões referentes à *diferença entre educação escolar indígena e educação para o índio* e para a necessidade ou não de alfabetizar na língua materna e, ainda, para a discussão sobre um modelo de ensino alternativo. E já na década de 1980, os movimentos indígenas se articularam com as organizações da sociedade civil, igrejas e universidades para garantir o reconhecimento de direitos indígenas na Constituição Federal de 1988, dentre os quais se destaca o direito à Educação Escolar Indígena Diferenciada (Brasil, 2016).

No ano de 1988 foi criada a Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre (COPIAR), com sede em Manaus, abarcando cerca de mil professores indígenas de mais de 100 etnias nos nove estados amazônicos. Com os direitos assegurados na Constituição Federal de 1988, os povos indígenas assumiram o debate sobre a implementação da política de Educação Escolar Indígena e exigiram sua efetivação e o respeito às diferenças, línguas e especificidade de cada povo.

Em 1999, a COPIAR transformou-se em Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia (COPIAM). Foi lançada a Carta Aberta dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, direcionada aos membros da Câmara de Educação Básica do CNE, reafirmando o direito dos povos indígenas a uma educação escolar diferenciada, autônoma, com participação das comunidades e organizações indígenas na elaboração dos projetos político-pedagógicos, bem como a garantia de financiamento público, a realização de concurso para professores indígenas, a divisão de responsabilidades entre entes federados e a participação das comunidades e organizações indígenas na gestão.

A importância da leitura e da escrita na vida de uma criança indígena Macuxi

Atualmente a leitura e a escrita são importantes na formação dos indivíduos indígenas, porque são instrumentos muito utilizados na defesa dos direitos e nas lutas políticas, sobretudo no contexto das escolas indígenas, onde também é reconhecida sua relevância. Conforme o **Referencial Curricular para as Escolas Indígenas** (RCNEI) (Brasil, 1998), o objetivo não se limita à mera alfabetização; a escola tem o dever de preparar os estudantes para produzir textos que reflitam suas intenções e contextos. Isso vai além da decodificação, buscando uma leitura com compreensão profunda e a capacidade de escrita com expressão crítica.

A escrita, em geral, serve também para registrar histórias, literaturas, enfim, o conhecimento de um povo, como destacou Joaquim Maná Kaxinawá, professor Huni Kui do Acre.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

> [...] E a gente perdeu muitas histórias, muitos casos passados que a gente agora podia ter e contar para os nossos filhos. Vamos supor, você sabe de uma história que é Yawaxikunawa. Antes de você morrer, se você não contar para o seu filho, o seu filho não vai saber nada dessa história. Então a gente quer registrar um pouquinho [...] (Kaxinawá apud Munduruku, 2012, p.177)

Por muitos anos os conhecimentos dos nossos antepassados foram transmitidos de forma oral e na sua grande maioria eram contados na língua materna. E na transição de gerações muitas histórias foram perdidas ou reinventadas, tomando sentidos diferentes da sua forma original.

Vale mencionar que, por muitos anos, nas comunidades indígenas não existiam as escolas, e a educação das crianças era feita a partir da observação e do convívio com os mais velhos. Com a criação das escolas, alguns novos termos foram surgindo e ganhando espaço, a exemplo do que os brancos chamam de mitos e de lendas. Nós, os Macuxi, acreditamos que são histórias reais e chamamos todos esses tipos de textos de *panton*.

Por falta de conhecimento, acabamos reproduzindo esse entendimento que considera as histórias e as literaturas indígenas como "Folclore brasileiro" nas salas de aula, deixando, muitas vezes, de trabalhar e fazer referência aos conhecimentos que nossos avós nos transmitiram quando éramos crianças. Assim, passamos a investir na possibilidade de desenvolver atividades de leitura e escrita a partir dos livros literários de autoria indígena.

Percebemos que nas escolas em que trabalhamos podemos vivenciar experiências motivadoras, com estratégias de uso da leitura e da escrita a partir das literaturas indígenas. Experimentamos momentos nos quais escrever algo que é da vivência dos alunos se tornou prazeroso e facilitou também o aprendizado da leitura.

Resultados e discussões

Certo dia em sala de aula, estávamos realizando leituras de textos curtos quando tivemos a ideia de escrever no quadro da sala:

Farinha com buriti.

Tapioca com açaí.

Pimenta com mandi.

Da minha maloca não quero sair.

Os alunos, de imediato, começaram a se questionar: professora quem escreveu isso? Pimenta, professora? Mandi? Buriti? De imediato os alunos se interessaram pela leitura. Ou seja, os livros literários de autoria indígena também chamam atenção dos alunos, pois falam de algo que está relacionado com o dia a dia deles.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Na disciplina Educação, Artes, Literaturas e Línguas Indígenas, conhecemos vários livros literários voltados para os alunos indígenas, como o livro **Um curumim, uma canoa**, do autor Yaguarê Yamã (2012), no qual há igarapé e a comunidade usa canoa para atravessar e para pescar. Logo, essa literatura se encaixou bem no contexto da comunidade indígena Linha Seca. No referido livro, antes do Curumim viajar, a sua mãe prepara o beiju porque ele precisa se alimentar. Na comunidade Linha Seca também, segundo os mais velhos, é necessário comer antes de ir pescar, caçar ou trabalhar na roça, e o alimento inclui farinha, vinho de buriti e pimenta.

O autor Yaguarê Yamã, líder do povo indígena Maraguá, nasceu em Nova Olinda do Norte, AM na aldeia de Yãbetué. Formou-se em geografia pela UNISA em São Paulo, onde morou por seis anos, lecionando e dando palestras sobre as temáticas indígenas e ambientais. Em 2004 voltou a viver com seu povo com o objetivo de lutar pela suas terras e pela reorganização étnica e cultural da sua gente. Autor de diversos livros infanto-juvenis, artista plástico, especialista em grafismo, Yaguaré Yamã também trabalha com artesanato e, em todas as áreas que atua, seu grande objetivo é a preservação da cultura do povo Sataré-Mawé, do qual também é filho. É integrante do Núcleo de Escritores Indígenas Brasileiros (Nearin), vinculado ao Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi). Atualmente mora em seu município de origem, Nova Olinda do Norte, onde trabalha como professor de geografia e atua como vice-coordenador da Associação do Povo Indígena Maraguá (Aspim) (Yamã, 2008).

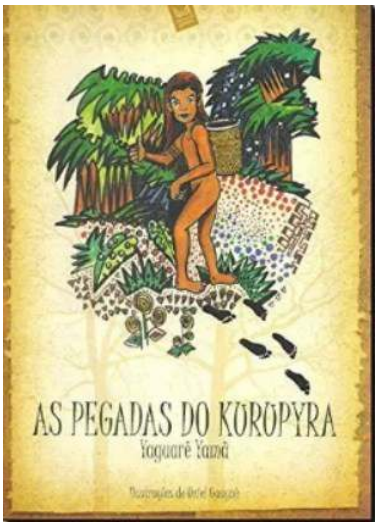
Conhecer a trajetória de cada escritor (a) indígena é fundamental e assim fizemos quando propomos trabalhar com crianças do Ensino Fundamental I, da sala multiserriada na Escola Estadual Indígena Índio Luiz, em processo da leitura e escrita de narrativas indígenas. Para tanto, foi relevante a parceria entre a escola e a família, que juntas, puderam contribuir no processo de letramento das crianças e despertar em cada estudante o interesse, gosto, prazer e o amor pela escrita e leitura dos diversos textos literários. Como a criança leu histórias que se aproximam do seu contexto, seus pais, tios e avós puderam compartilhar com o (a) aluno (a) suas memórias e a criança pode gravar e/ou escrever. Desse modo, podemos incentivar a leitura por meios lúdicos e contextualidados, sendo uma boa solução para gerar a vontade de ler e escrever.

Os livros foram trabalhados com o objetivo de contribuir no processo de alfabetização e letramento dos alunos, ultrapassando os limites disciplinares, com atividades lúdicas, que proporcionaram um mergulho no imaginário dos alunos e contribuíram para o desenvolvimento da leitura, escrita e produção de textos. Sugerimos, no plano de aula, os objetivos específicos: adquirir competência na leitura e escrita; saber interpretar vários tipos de textos; desenvolver a linguagem oral e escrita.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Figura 1 - Capa do Livro **As pegadas do Kurupyra**



Fonte: Yamã (2008, p.19)

O livro **As Pegadas do Kurupyra**, de Yaguarê Yamã (2008), é uma aventura na floresta amazônica [Cf. Figura 1]. O protagonista é um menino chamado Yaguarê Yamã, que vive em uma aldeia indígena. Ele é muito curioso e aventureiro, e sempre está se metendo em confusões. Um dia brincava na floresta, quando encontrou um estranho animal, que era grande, peludo e tinha uma longa cauda. Yaguarê Yamã nunca tinha visto um animal assim antes, e ficou muito curioso. Ele decidiu segui-lo e acabou se perdendo na floresta. Andou por horas, tentando encontrar o caminho de volta para sua aldeia. Com medo e cansado, não desistiu. E, finalmente, chegou a um rio. Ele sabia que se seguisse o rio, chegaria à sua aldeia. Assim, seguiu o rio e logo chegou, ficando muito feliz por estar em casa. Ele contou para todos sobre sua aventura. E os outros meninos da aldeia ficaram muito impressionados com a história.

Os personagens do livro **As Pegadas do Kurupyra** (Yamã, 2008) são muito interessantes e sempre conseguem se safar das confusões. Há o sábio pajé da aldeia, que sempre dá conselhos para Yaguarê Yamã. E faz parte da história também a bela indígena Iara, por quem Yaguarê Yamã é apaixonado. Como parte da trama encontramos o personagem que dá nome ao livro, o temido Kurupyra, ser que vive na floresta amazônica e a protege.

O autor recomenda o livro **As Pegadas do Kurupyra** (Yamã, 2008) para todos os leitores, sobretudo os que gostam de aventuras, mistérios e perigos. O livro também é uma ótima opção para quem é indígena e vive na Amazônia.

O estilo de escrita é claro e objetivo e o leitor não tem dificuldade em entender a história. O livro também é muito bem escrito. O autor usa uma linguagem rica em descrições para o leitor conseguir imaginar facilmente os cenários e os personagens.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

O autor publicou ainda: **Mairiporãgas mitos indígenas do Sudeste**; **Anavilhãnas mitos indígenas da Amazônia**; **Cratoãnas mitos indígenas do Nordeste**; **Urutópiag A religião dos pajés e dos espíritos da selva**; **Morõgetá Wita: Oito contos mágicos**; **Puratig o remo sagrado**; **Falando tupi**, dentre outras obras.

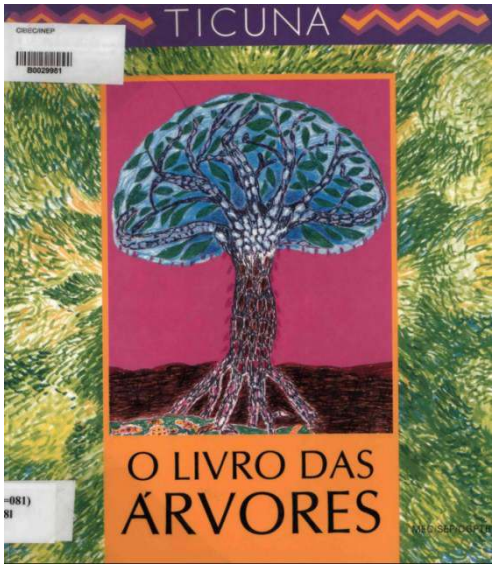
Em 1987 os Ticuna iniciaram as primeiras atividades do projeto do livro, com o levantamento de dados e a elaboração de desenhos sobre a flora e a fauna regionais. Essas informações, pesquisadas e registradas pelos professores Ticuna, deveriam compor materiais didático-pedagógicos para apoiar as aulas de ciências nas escolas das aldeias. E com o passar do tempo, as idéias foram se aperfeiçoando. Hoje em dia, o projeto dos Ticuna desenvolve uma série de outras atividades, voltadas especialmente para a educação ambiental, passando a integrar o programa do Curso de Formação de Professores Ticuna com Habilitação para o Magistério, que foi promovido e administrado pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues. Dessa forma, os conhecimentos trabalhados durante os cursos se multiplicam através dos 210 professores e chegam aos 7 mil alunos das 90 escolas Ticuna situadas nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Içá, no estado do Amazonas. Conscientes da necessidade de trabalhar, a partir da escola, uma proposta mais específica de conservação dos recursos naturais existentes nas áreas já demarcadas, os professores Ticuna decidiram dividir por temas o material levantado e publicar o primeiro livro de uma série: **O livro das árvores** (1997).

O livro, portanto, apresenta a intensa e rica relação dos Ticuna com as árvores que formam a floresta, focalizando no valor e no significado de várias espécies, preferencialmente nativas, para a sua sobrevivência física e cultural. Não se trata de um livro de botânica, mas de uma memória das árvores, que permite aos Ticuna recordar a importância de cada uma delas na sua vida. Folheando página por página, compreende-se as razões que os levam à defesa e preservação de suas florestas, um patrimônio que para eles deverá ser eterno, passando de pai para filho, como uma herança das mais belas e mais ricas. O livro acolhe o olhar dos Ticuna sobre a natureza que os cerca e lhes serve de morada, trazendo textos e imagens que fixam suas concepções numa linguagem onde se entremeiam conhecimentos práticos, valores simbólicos e inspiração poética.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Figura 2 Capa de O livro das árvores



Fonte: fotografia da capa de **O Livro das Árvores**

O livro é dedicado principalmente às crianças e adolescentes, alunos das escolas Ticuna. Mas seria importante que também fosse lido pelas crianças indígenas das tantas escolas do país. Elas poderiam conhecer os Ticuna, contemplar seus desenhos [Cf. Figura 2] e aprender sobre a floresta amazônica através da palavra de seus habitantes mais antigos.

Elaboramos uma proposta de aula

Proposta de Intervenção Pedagógica

Plano de Aula: As pegadas do Kurupyra

Tema: Contos literários

Ano/Série: 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Duração: 5 aulas de 60 minutos cada

Objetivos de Aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

– EF05LP03: Ler e compreender textos narrativos, identificando elementos da narrativa (personagens, enredo, tempo, espaço) e reconhecendo a estrutura do texto.

– EF05HI07: Identificar e compreender as diferentes formas de organização social e política dos povos indígenas, reconhecendo suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

– EF05AR04: Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, identificando e respeitando as diferentes manifestações culturais dos povos indígenas.

– EF05LP16: Produzir textos narrativos, considerando a sequência dos fatos, a caracterização dos personagens e o uso de recursos linguísticos adequados.

(Brasil, 2017)

Conteúdos:

– Leitura e interpretação "As pegadas do Kurupyra".

– Discussão sobre a cultura e tradição dos povos Maragua, Ticuna e Macuxi.

– Produção textual: reescrita da história com a perspectiva do personagem.

– Atividade artística: propor a criação de narrativas.

Materiais Necessários:

– Papel sulfite, lápis de cor, canetas hidrocor.

Desenvolvimento das Aulas:

Aula 1: Leitura e Interpretação da história.

1. Introdução (10 minutos):

– Apresentação do tema da aula: **As pegadas do Kurupyra**. – Breve contextualização histórica sobre os povos indígenas e sua presença no território brasileiro.

2. Leitura Compartilhada (20 minutos):

– Leitura em voz alta da história **As pegadas do Kurupyra** pela professora, com participação dos alunos na leitura de trechos selecionados.

– Discussão sobre os elementos da narrativa: personagens, enredo, tempo e espaço.

3. Atividade de Interpretação (20 minutos):

– Divisão da turma em grupos para responder a questões sobre a história:

– O que o Kurpyra defende?

Socialização das respostas e discussão coletiva.

Aula 2: Produção Textual

1. Reescrita da história (60 minutos):

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

– Proposta de reescrita da história sob a perspectiva de um dos personagens.

– Orientação para que os alunos mantenham a estrutura narrativa e explorem os sentimentos e pensamentos do personagem escolhido.

– Leitura de algumas produções da turma.

2. Produção de narrativas (50 minutos):

– Exposição dos trabalhos realizados.

3. Encerramento (5 minutos):

– Reflexão sobre a importância de valorizar e respeitar as diferentes culturas, especialmente as indígenas.

– Agradecimento pela participação e exposição dos trabalhos.

Avaliação:

– Participação nas discussões e atividades em grupo.

– Qualidade da reescrita da história, considerando a criatividade, coerência e respeito à estrutura narrativa.

– Engajamento e criatividade na elaboração das narrativas.

Dicas para trabalhar a literatura indígena:

1º - selecionar as obras a serem utilizadas: escolher obras de escritores de diferentes etnias, principalmente os escritores do próprio Estado ou região em que os alunos moram;

2º - apresentar as etnias dos escritores indígenas e a forma correta de se pronunciar. O respeito começa por aceitar o diferente;

3º - fazer uma leitura prévia das obras e elaborar questões norteadoras para ajudar os alunos na compreensão dos textos;

4º - propor aos alunos, se possível, reescrever a história lida, o que mudariam, acrescentariam ou retirariam do texto.

Outra proposta é selecionar poemas e trabalhar com os alunos a subjetividade do poeta, o que podemos inferir sobre a nossa própria vida, comunidade, nosso lugar no mundo. Um poema bem trabalhado com os alunos foi o de Márcia Kambeba que leva o nome do projeto: Jamaxim Cultural.

> Eu vou para o mato, vou
> Tirar cipó para tecer amor
> Um jamaxim de cultura eu sou
> Quero ensinar, seu doutor
> […] (Kambeba, 2020, p. 64).

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Ou ainda quando a poetisa Kambeba fala sobre o ser "índio", ou melhor, o não ser "índio", pois somos de povos distintos, com um nome, uma língua e uma cultura própria de cada etnia.

> Não me chame de 'índio' porque
> Esse nome nunca me pertenceu.
> Nem como apelido quero levar
> Um erro que Colombo cometeu.
> […] (Kambeba, 2020, p. 27)

Esses poemas fizeram parte das atividades enviadas no ensino remoto, durante a Pandemia de Covid 19, nas quais os alunos tiveram a oportunidade de lê-los nos livros. A partir da leitura, um dos discentes escreveu "Eu sou Makuxi, não Patamona, nem Yanomami, mas devo respeitar todas as etnias e suas culturas". O tema da identidade e do porquê não queremos usar mais a palavra "índio" pudemos ler também nas histórias de Daniel Munduruku, nos poemas de Kambeba e de Graúna.

Montando o acervo – proposta

Entre as obras de escritores indígenas roraimenses que trabalhamos e outras de alcance nacional destacamos as seguintes:

- ✓ Cristino Wapichana (**A oncinha Lili** / **Sapatos trocados** / **A cor do dinheiro da vovó** / **Chuva, gente**);
- ✓ Kamuu Dan Wapichana (o sopro da vida / Makunaimã taanii – presente de Makunaima);
- ✓ Ivo Sólon Wapichana (O homem velho e a Lua / A origem do Kanaimé / A cobra grande)
- ✓ Aurita Tabajara (Pés no mundo coração na aldeia)
- ✓ Daniel Munduruku (Meu vô Apolinário – um mergulho no rio da (minha) memória / Crônicas para os jovens);
- ✓ Eliane Potiguara (Metade cara, metade máscara);
- ✓ Ailton Krenak (Ideias para adiar o fim do mundo);
- ✓ Márcia Kambeba (O saber ancestral);
- ✓ Graça Graúna (A flor da mata / Fios do tempo – quase haicais);
- ✓ Sony Fersek (As mulheres que fazem Sol Wei yamî / Movejo);
- ✓ Ellen Lima (Ixé ygara voltando pra 'y'kûá)

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

- ✓ Julie Dorrico (Eu sou macuxi e outras histórias)
- ✓ Devair Fiorotti e Bernaldina Ramos (Cantos e encantos: Meriná Eremukon)
- ✓ Devair Fiorotti e Terêncio (Panton Pia': Eremukon do circum-Roraima)

Outra possibilidade é encontrar parceiros que viabilizem materiais gratuitamente, como o Comin, que envia subsídios para serem trabalhados no abril indígena, com jogos como Território indígena e o jogo da memória dos autores indígenas.

Uma forma para incentivar os alunos a escreverem suas próprias impressões a respeito das obras lidas foi a utilização de um caderno exclusivo para estudar a literatura indígena. Além de ser de suma importância selecionar as obras que serão trabalhadas em sala de aula, é fundamental conhecer as etnias dos escritores, local de nascimento, ter em mente uma breve biografia para poder fazer uma apresentação dos autores aos alunos.

A partir destes levantamentos bibliográficos é interessante fazer a produção de um *banner,* de forma artesanal, que pode ser de cartolina, tecido ou outros materiais que sejam convenientes ao professor. Isto serve para identificar as aulas com a literatura indígena e dar uma identidade visual ao que se está aprendendo.

Outro momento que precisa de muito acolhimento é a partilha das experiências literárias vividas com os textos. Os alunos precisam sentir-se acolhidos, para partilhar suas experiências. Não há certo ou errado, apenas visões diferentes. E os debates fazem parte da construção de conhecimento. Cada etnia possui suas tradições, formas de agir, que diferem de outros grupos étnicos. E o professor deve conduzir a turma para a reflexão sobre a percepção de si e do outro.

Caso haja possibilidade e recursos, ou parcerias que possam disponibilizar cadernos extras aos alunos para que possam transcrever suas impressões acerca das leituras realizadas, isso pode ser trabalhado tanto em grupo na sala de aula, quanto de forma individualizada. Uma atividade extra com o caderno pode ser a ornamentação do mesmo pelos próprios alunos. Isso promove a habilidade artística e confere ao caderno um toque único e intimista, tornando a experiência de leitura e escrita afetiva e prazerosa.

Considerações finais

A literatura indígena integrada ao currículo escolar promove não apenas o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mas também o fortalecimento da identidade cultural e o respeito às tradições dos povos originários.

Nesse processo, a contextualização e o uso de recursos lúdicos são essenciais para engajar os alunos e despertar neles o prazer pelo aprendizado. Ao se conectar com histórias e saberes

RIET– ISSN 2676-0355, Dourados, v 5, n. 1, p. 74 a 89, jun./dez., 2026.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

ancestrais, os alunos não apenas expandem seu repertório cultural, mas também desenvolvem empatia, respeito à diversidade e uma consciência crítica sobre a história e a sociedade brasileira.

A seleção cuidadosa de obras é o primeiro passo para uma implementação bem-sucedida da proposta. É fundamental buscar livros de autores indígenas, preferencialmente bilíngues (quando aplicável), que representem a diversidade de povos e regiões. Além dos livros, materiais audiovisuais, músicas e obras de arte podem complementar a experiência, tornando o aprendizado mais dinâmico e imersivo.

Portanto, o professor deve priorizar as obras literárias de autores indígenas que garantam que as vozes originárias sejam o foco do estudo. Recomendamos buscar uma variedade cultural que inclua obras de diferentes etnias para mostrar a pluralidade indígena. Além de considerar a faixa etária, selecionando livros adequados ao nível de compreensão dos alunos. É muito importante também fomentar parcerias com a comunidade, buscando o contato com as lideranças e artistas indígenas para recomendações e colaboração nas atividades.

O mergulho na literatura indígena naturalmente inspira os alunos a se expressarem por meio da escrita. Propor atividades que incentivem a criação de contos, poemas e diários de bordo, nos quais os estudantes possam explorar temas, personagens e elementos da sua cultura indígena com originalidade e respeito é uma das ações propostas nessa intervenção.

Agradecimentos:

Ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa PQ CNPQ. Ao Consulado da França e à Universidade Federal de Roraima pela bolsa Guatá e à Capes pela bolsa do Programa de Desenvolvimento da Pós Graduação (PDPG) Políticas Afirmativas e Diversidade.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **LEI Nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BRASIL. **LEI Nº 11.645**, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **II CONEEI: Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena**: documento-referência. Brasília, 2016.

BRASIL. ***Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90***. São Paulo: Atlas, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acessado em 15/04/2026.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leituras**. São Paulo: Estação Liberdade,1996. p. 25-34.

CARVALHO, Fábio Almeida de, FERNANDES, Maria Luiza, e REPETTO, Maxim (org.). **Projeto político pedagógico do curso de Licenciatura Intercultural**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Editora Caos & Letra, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

GRUBER, Jussara Gomes (org). **O livro das árvores.** Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, 1997.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. São Paulo: UK'A, 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. O olhar da palavra: Escrita de resistência. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 89-97.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakri Tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Jandaíra,2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena no Brasil**: reflexões de um índio sobre a educação dos brancos. São Paulo: Peirópolis, 2012.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro. **Origem e organização do sistema de ensino e as políticas de formação docente no Estado de Roraima**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em educação. UNINOVE - Universidade Nove de Julho, 2016.

YAMÃ, Yaguarê. **As pegadas do Kurupyra.** Ilustração Uziel Guaynê. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2008.

YAMÃ, Yaguarê. **Um curumim, uma canoa**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Zit, 2012.

Este obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil